

# Flutuando Atentamente com Freud e Bion

Resenha | MARCHON, Paulo. **Flutuando Atentamente com Freud e Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 2009. 283 p.

---

**José Luiz F. Petrucci**

Membro Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Poderia eu dizer que o livro é polêmico, o que equivaleria a ver traços polêmicos na personalidade de Paulo Marchon? A leitura das páginas iniciais pode até dar essa impressão, no entanto meu longo convívio com Paulo, tanto no meio psicanalítico como fora dele, me diz não estar nele uma pessoa polêmica, mas de convicções firmes. Eu disse firmes, não fechadas ou inflexíveis e firmemente embasadas num pensamento filosófico e epistemológico, além do psicanalítico, no qual tem experiência de muitos anos.

Discute de início questões relacionadas à observação e, claro, o assunto vai logo para a questão da objetividade ou relatividade, do realismo e do idealismo a respeito da nossa captação do “real”, sempre, claro, levantando a questão dos exageros para um e para outro lado.

Ao nos trazer para a questão da razão, nos encaminha para pensar sobre as relações existentes entre razão, verdade e intuição. Dadas, sobretudo, as “penumbras de associações” existentes sobre a ideia da intuição, Marchon, através de um raciocínio muito bem posto, em que nos articula ideias de quem muito pensou sobre essas relações – Bion principalmente –, nos leva à conclusão de que razão, verdade e intuição são inseparáveis, quer dizer, nenhuma delas existe sem a presença das outras duas.

Discute os tantos exageros advindos de levar os preceitos teóricos e técnicos, como transferência, contratransferência, intuição, às suas últimas consequências: isso é inservível para o material de estudo da psicanálise, a alma humana – é o que nos faz pensar Marchon. É como a fantasia, de

capital importância para o pensar e o experimentar, mas que, levada às últimas consequências, caminha para a manifestação real, mesmo que racionalizada, da loucura. Marchon faz isso através de primoroso raciocínio epistemológico, articulando conceituações psicanalíticas com as de outras ciências a respeito de conceitos paralelos – às vezes nem tanto – aos da psicanálise.

Enfim, como evoluiu a crítica de Fliess a Freud (de que este estaria “lendo” não os pensamentos do paciente, mas os seus próprios)? Freud reagiu com força, não aceitando a crítica do já ex-amigo. No entanto... vai a psicanálise em sua infinita escalada rumo ao conhecimento, e chegamos aos dias de hoje, em que temos já elementos para dizer que ambos tinham razão. Marchon usa uma frase de Cavell (1993, p. 89) para definir como está essa questão nos dias de hoje: E “...num certo sentido, ler a própria mente na mente alheia é o correto e único meio de entendê-la”.

Questiona a afirmação de “neobionianos” de que Bion teria abandonado tudo o que escreveu nos capítulos de seu “Second Thoughts” (Heinemann Books, London, 1967). Claro, nos “Comentários” do mesmo livro, Bion se disse insatisfeito com o que ali estava, mas também devemos nós, psicanalistas, ficarmos insatisfeitos a cada final de sessão com nossos pacientes. Ficar insatisfeitos não significa abandonar, no sentido de a coisa se tornar inservível: mesmo que o passado de uma análise seja levado para o nosso esforço de estarmos ali “sem memória e sem desejo”, o “passado” estará disponível em algum lugar, no “aguardo” de uma “conjunção constante”, de um “fato selecionado”. Não posso imaginar que Bion não tenha pensado da mesma maneira sobre tudo o que escreveu antes de sua idealizada Trilogia. Caberia aqui, penso, fazer uma relação, não feita por Marchon, com as ideias de Ogden sobre “a presença da ausência e a ausência da presença”.

Quando discute a questão da memória, abre-se um dos momentos em que se faz justiça ao título do livro: entre Freud e Bion, Marchon fica com os dois. Pois, se Bion nos recomenda ouvir o paciente num esforço permanente de mantermo-nos “sem memória e sem desejo”, Freud, aponta o autor, já nos falava sobre uma “cegueira artificial” e sobre a atenção flutuante. Surpreendentemente, mais de 70 anos depois de Freud, aponta Marchon que a prática dos muitos seguidores não chegou a acrescentar qualidade à obra de Freud. Quando Bion nos traz suas ideias sobre a

postura técnica “sem memória e sem desejo”, acrescenta de fato qualidade à questão, quando, por exemplo, associa o termo à identificação projetiva, conceito não explicitado e não estudado por Freud. Mas Marchon não fica só quando estuda a questão do lembrar o passado, acrescentando estudos de linguistas e filósofos a respeito da questão que valem ser examinados.

Em Aristóteles, encontra Marchon a *admiração* como a paixão fundamental do filósofo, e é ela que permite a ele surpreender-se com o novo. Assim, nos leva a pensar em uma “ingenuidade receptiva”, legitimada por um estado de desconhecimento capaz de levar ao novo. Ora, Freud falava em uma “atenção suspensa (flutuante)” que nos poria em contato com uma “memória inconsciente”.

Pensamentos de Bacon e Popper, citados pelo autor, se relacionam à ideia de Sócrates sobre “uma pureza divina das coisas a atingir”, o que leva este resenhador a pensar numa pureza “divina” de Bion em sua proposta de um “estado em busca de ‘0’” e na “ingenuidade receptiva” das transformações em alucínose.

Marchon nos recorda – e como tão pouco nos damos conta disso! – que lembrar e esquecer formam um par dialético, um não existindo sem o outro. Então, se apenas lembramos na presença do que esquecemos, onde está o novo? Exatamente no encontro dos pares antitéticos: este será sempre um encontro criativo.

Chamo a atenção para o quadro comparativo entre Freud e Bion (p. 127). Ali, a relação entre o criador e o seguidor (e a criatividade dessa relação) é muito bem definida.

No trajeto do pensamento do autor até este ponto do livro, o vejo chegando à questão da transferência-contratransferência – o que tem sido até aqui uma polêmica busca pela compreensão do fenômeno, a chamada, desde Freud, “autoanálise”. Essa prática é, com interessantes argumentos, questionada por Marchon. Para ele, não se trata de ir à busca de uma autoanálise, mas de uma *reflexão psicanalítica*. Não me atreveria a examinar o termo aqui, mas a leitura do livro ora resenhado esclarecerá todo o raciocínio filosófico-epistemológico-psicanalítico que levou o autor a chegar a ele.

Em determinado momento, Marchon retoma uma velha regra – e muitas vezes infelizmente esquecida. Trata-se da recomendação de Freud, logo transformada em regra, a *regra fundamental*, ou seja, a recomendação para que o paciente associasse livremente, um esforço para não valorar ou censurar tudo o que espontaneamente viesse à sua mente durante as sessões: o autor afirma, e com razão, que a livre associação do paciente é a contrapartida dele ao esforço do analista em abdicar de memória e desejo.

A importância do “ato de fé” é o caminho para que se crie a interpretação. Fé naquilo que, em não existindo, será criado na mente do analista, colocando organização no caos, indo em busca de uma verdade que é destruída como verdade no momento mesmo em que é formulada.

Compara o que pensam importantes economistas sobre a intervenção de governos sobre a economia das nações às interferências do analista com suas demandas de “*furor curandi*”.

Critica novamente o conceito de contratransferência de sua consequência vista como natural por grande parte dos psicanalistas: a autoanálise. Citando Green e Bion, vê como impossível que o analista analise o paciente e a si próprio ao mesmo tempo: muito do paciente será perdido, concordando com os autores citados.

Conclui o livro mostrando seu trabalho antes e depois de seu contato com as ideias de Bion.

Concluindo: a leitura dessa obra de Paulo Marchon nos fala de muitas coisas: é uma advertência contra os exageros de uma psicanálise em que psicanalistas transformam seus pacientes em “campos de prova” de suas teorias pessoais; esclarece muitos conceitos obscurecidos pelos longos anos de uma prática psicanalítica apenas com a aparência de ser criativa; nos diz com clareza, principalmente, que a psicanálise não nasceu do nada e muito menos é uma ciência dissociada das que a antecederam e a acompanharam em seu desenvolvimento. Ao contrário, mostra Paulo Marchon como a ciência criada por Sigmund Freud está perfeitamente articulada com a escalada do conhecimento humano e, se não por outros fatores, é uma ciência – ao contrário do que muitos, psicanalistas inclusive, pensam.

Estou certo de que essa resenha não faz justiça a “Flutuando Atentamente com Freud e Bion”. Afinal, é apenas uma resenha. Posso, então, dar meu testemunho, conseqüente de minha leitura: é uma obra que se torna fundamental nesses tempos de tantas confusões teóricas e práticas vividas no meio psicanalítico.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Antônio Paim Falcetta

---

José Luiz Petrucci

Rua 24 de Outubro, 838/409

90510-000 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: jopetrucci@terra.com.br